

Documento de Registro de Entrevista para o site MHEPTCPS

Centro Paula Souza

MEMÓRIAS E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

Percurso Histórico

Programa de História Oral na Educação

com

Américo Baptista Villela

Centro de Memória da Educação Profissional e Tecnológica

São Paulo/SP

2020

Ficha de cadastro

Tipo de entrevista: História oral de vida

Entrevistadora: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Instituição: Centro de Memória da Educação Profissional e Tecnológica do Centro Paula Souza/ Unidade de Ensino Médio e Técnico (Cetec)

Levantamento de dados preliminares a entrevista: O professor Américo Baptista Villela, é curador do Centro de Memória Orleide A. Alves Ferreira da Escola Técnica Estadual Bento Quirino, em Campinas/SP, e participou do projeto de Historiografia desde a origem de criação dos oito centros de memória em escolas técnicas mais antigas do estado de São Paulo, sob a coordenação da Coordenadora de Projetos Júlia Falivene Alves na Cetec. Em 2008, participou do I Encontro de Memórias e História da Educação Profissional, sendo membro do GEPEMHEP, inclusive no CNPq.

Elaboração do roteiro da pesquisa: Maria Lucia M de Carvalho

Local da entrevista: online, pelo teams

Data da entrevista: 22 de setembro de 2020

Técnico de gravação: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Duração: 1 hora, 10 minutos e 11 segundos

Número de vídeos: dois

Transcritora: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Número de páginas: 19

Sinopse da entrevista

A entrevista foi realizada no contexto do projeto “História Oral na Educação: memória do trabalho docente”, que vem sendo realizado pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional e Tecnológica do Centro Paula Souza, criando um volume específico para entrevistas com os curadores em centros de memória, proposto por mim durante a pandemia do Covid 19, com teletrabalho institucional, e com as gravações realizadas pelo teams, com a proposição de difundi-las dentro do programa História oral na Educação no site de memórias.

Transcrição da entrevista

Data da transcrição da entrevista: 30 de agosto a 8 de setembro de 2021

Nome da transcritora: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Parte 1: (Vídeo um - 52 minutos e 35 segundos)

Maria Lucia Mendes de Carvalho (MLMC): Boa tarde, professor Américo Baptista Villela, eu Maria Lucia Mendes de Carvalho, agradeço muito você estar concedendo hoje, que é dia 22 de setembro de 2020, essa entrevista de história oral na educação. Esse projeto que nós desenvolvemos lá no Centro de Memória da Educação Profissional e Tecnológica do Centro Paula Souza, esse tem por finalidade entrevistar os nossos professores que são curadores nos nossos centros de memória. Como você iniciou no projeto, e é curador no Centro de Memória da Etec Bento Quirino de Campinas, iniciou no projeto de “Historiografia das Escolas Mais Antigas” da professora Julia Falivene Alves, eu gostaria muito que você pudesse contar um pouco sobre a sua trajetória de vida enquanto estudante, onde você nasceu, onde estudou, assim conhecê-lo um pouco enquanto professor, como decidiu por essa carreira de docente, ingressou na Paula Souza, e também, se possível, até sobre essas suas atividades como museólogo atuando como historiador, mas também como museólogo no Museu da Cidade de Campinas.

Américo Baptista Villela (ABV): Boa tarde. Eu que agradeço a oportunidade de estar dando esse depoimento, tendo em vista a importância que esse trabalho tem demonstrado. Tem demonstrado através do suporte que dá a pesquisadores acadêmicos, tem demonstrado através da integração importante entre a docência do professor de ensino médio, no caso específico da Etec Bento Quirino, e a integração entre o ato de ensinar e o ato de ensinar o aluno a também a pesquisar, se utilizando das fontes documentais da escola, que estão armazenadas no Centro de Memória “Orleide A. Alves Ferreira” da Etec Bento Quirino.

ABV: Bom, deixa eu me apresentar, meu nome é Américo Baptista Vilela. Eu sou natural de Jaboticabal, 11 de março de 1970, e iniciei os estudos na Escola Técnica Estadual Aurélio Arrobas Martins, em Jaboticabal, no estado de São Paulo. Durante os meus anos como aluno do ensino fundamental, e posteriormente, do ensino médio, eu acabei despertando para a História. A bem da verdade, embora eu fosse um aluno com rendimento até bastante positivo em todas as disciplinas, a minha paixão mesmo acabou sendo a disciplina História, e isso muito por conta do meu percurso. Muito jovem, entrei no Centro Cívicos, participei da campanha pelo retorno dos grêmios livres nos anos 80. Acabei construindo ou melhor dizendo reconstruindo o novo grêmio da Escola Estadual Aurélio Arrobas Martins, nesse processo todo acabei me tornando um leitor hábil e um curioso pela História do Brasil. Terminado o ensino médio eu tive a oportunidade e a sorte de ingressar no vestibular da Universidade Estadual de Campinas e, em 1988, portanto, eu iniciei os estudos no curso de História, no qual eu acabei me tornando Bacharel e Licenciado em História.

ABV: Durante ainda a graduação tive a oportunidade de desenvolver um projeto de iniciação científica sob a orientação do professor Dr. Paulo Celso Miceli, e que era intitulado “Para a América os americanos” que era um trocadilho para um manifesto. A bem da verdade, era uma proposta de pesquisa sobre o fluxo de imigração de norte-americanos para a região de Campinas, que resultará nos anos trinta, na criação do atual município de Americana. Esses norte americanos em sua maior parte eram procedentes do sul dos USA e, imigraram para o Brasil durante o período de reconstrução da economia do sul dos USA, que havia sido destruída pela guerra civil, e nessa iniciação nós trabalhávamos com depoimentos e, também, com fontes documentais da imprensa campineira, e depoimentos que colhemos com os descendentes desses imigrantes, que para cá vieram no século XIX. Então o meu primeiro contato com a história oral foi ainda na graduação. E logo depois, eu apresentei o relatório de pesquisa etc.

ABV: No entanto, a necessidade da sobrevivência, acabou me aproximando do Parque Ecologia Monsenhor Emílio José Salim, em Campinas, e acabei me tornando estagiário no Centro Integrado de Percepção Ambiental. Era um espaço recém-inaugurado, ali nós trabalhávamos com pesquisa sobre história da região de Campinas, mas bem com esse enfoque da questão ambiental. Como a presença do homem branco transformou essa paisagem natural, primeiro, com as rocas de subsistência, com instalações dos engenhos e, depois, foram sucedidos pelos grandes cafezais, e que levou a industrialização da cidade de Campinas. E então nessa conjuntura eu tive uma aproximação com a história da cidade de Campinas e, em paralelo, tive a oportunidade de trabalhar como professor, iniciar a docência, na EEPSP Professor Coriolano Monteiro, no município de Campinas, mas como ACT, não era ainda concursado.

MLMC: Que ano foi isso Américo?

ABV: A iniciação científica, foi em 89 a 90. O Parque Ecológico, de 90 para 91. E o início da docência em agosto 1991, mas na Coriolano Monteiro. Acabei me formando no final de 1991 e costumo dizer que eu dei sorte. Houve um concurso para prefeitura municipal de Campinas no cargo de Historiador, e eu recém-formado participei esse concurso, e acabei sendo aprovado, e iniciei minha carreira

como Historiador no Museu da Cidade, que é um órgão da prefeitura municipal de Campinas. Só que, assim como houve coisas boas, também houve alguns percalços. Eu comecei a dar aulas na Coriolano Monteiro e, só que eu era ACT, e daí no fim do ano, não houve aula remanescente, eu era substituto, eu acabei sendo direcionado na época para a Delegacia de Ensino. Nós tínhamos na época, era fevereiro de 1992, quatro delegacias de ensino no município de Campinas, e eu fui para atribuição de aulas, e ali eu tive a oportunidade.... A professora Orleide Alves Ferreira, que hoje é homenageada no nome do centro de memória, ela era professora da Etec Bento Quirino, ainda não era Bento Quirino era EETSG Bento Quirino e ela estava em excepcionalidade, exercendo a direção da escola, ela pegava aulas e se afastava e vinha um substituto. E a professora Orleide Alves Ferreira havia sido vice-diretora da Escola Estadual Coriolano Monteiro e lá ela conheceu o meu trabalho. Na atribuição de aula, ela me viu e perguntou: o que eu estava fazendo ali e por que não estava na Coriolano? Eu expliquei o episódio, e então ela falou: não, então escolhe o Bento Quirino, porque eu sou diretora, eu assumo as aulas, e depois, eu me afasto para assumir a direção e você ingressa como meu substituto, e para minha felicidade isso acabou se concretizando e aí eu ingressei na EETSG Bento Quirino, e ainda como ACT, ainda não era concursado.

ABV: Só que nesse período estava ocorrendo a transição das escolas técnicas estaduais de segundo grau do Estado de São Paulo para a administração do Centro Paula Souza. E me lembro ainda, salvo as melhores lembranças, que entre 93 e 94, nós ficamos ainda em uma situação que eu definiria como anômala. Por quê? Porque nós éramos professores da Secretaria do Estado da Educação, e conseqüentemente, a minha sede era no João XXIII, em Vinhedo, só que nós éramos cedidos para as escolas técnicas. E eu, em especial, na escola EETSG Bento Quirino. E aí ainda ficou uma coisa mais estranha, pois ao invés da gente ir direto para o Centro Paula Souza, a escola permaneceu uma época sob gestão da Secretaria de Ciência e Tecnologia, e que depois veio a se chamar Secretaria de Ciência, Tecnologia e Desenvolvimento Econômico. Então acho que ficou entre 93 e 94 nessa condição, quando em 95, teve a transição para o Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza e o concurso. Quando eu prestei o concurso, novamente aquela situação, a professora Orleide ainda exercia a função de direção, ela passou no concurso bem na minha frente, e ela escolheu a Bento Quirino e ela escolheu com jornada completa, assim como existiam outros professores mais antigos na unidade e que passaram na minha frente, como a professora Terezinha. Enfim, não tinha aula livre para eu escolher o Bento Quirino, embora eu tivesse sido aprovado em concurso. E nessa situação eu teria que escolher uma escola, na qual houvesse pelo menos dez horas-aulas livres, e eu escolhi o Prof. Armando Bayeux da Silva, em Rio Claro, então eu dava 10 horas aulas em Rio Claro, e eu já trabalhava na prefeitura também, no Museu da Cidade, e eu completava a minha jornada na Bento Quirino substituindo a professora Orleide. Eu acho que eu tinha 16 aulas na Bento Quirino, e existiam outros professores que também a substituíam a professora Orleide. Eu fiquei no Bayeux e no Bento Quirino, em 95 e 96, quando a professora Orleide fez uma redução voluntária de aulas, o que me permitiu escolher 10 horas aulas livres no Bento Quirino e aí eu me removi, eu fiquei só no Bento Quirino e no Museu da Cidade, órgão da prefeitura municipal de Campinas. Foi quando eu fiquei só no Bento Quirino, a professora Orleide, desde o início, sabia da importância histórica da escola, é uma escola que já completou mais de 100 anos recentemente, possuía

um acervo riquíssimo, tanto de documentos de arquivo, tanto iconográficos e tridimensionais e ela nos pede, para os professores, era uma garotada recém-saídos da Unicamp. Éramos eu, o professor Ronaldo, infelizmente já falecido, a professora Sandra Morato, que havíamos sido todos colegas na Universidade Estadual de Campinas. E ela nos pede para tentar fazer um trabalho com essa documentação. Para essa conjuntura, nós três começamos nos mover e entramos em contato inicialmente com o pessoal do Centro de Memória da Unicamp, isso eu estou falando é 96: e pedimos, para o pessoal do centro de memória, em especial, o Fernando Abraão, a bibliotecária Paula, a responsável pelo arquivo fotográfico do CMU, que na época, era a Cássia Denise, que viessem fazer visita a escola para fazer uma avaliação da condição desse acervo que a gente estava descobrindo. O acervo espalhado por diversas salas e não tinha nenhuma preocupação técnica. Eu entendo também por que a escola era muito grande, tinha muitos alunos, e ela viveu uma situação muito complicada enquanto esteve junto com a Secretária de Estado da Educação. A professora Orleide chegou e teve que recolocar a casa em ordem. Nós começamos tateando nós sabíamos do valor do acervo, mas nós não tínhamos condições em função dessa circunstância de realizar um trabalho que nos agradasse, e que a gente achava como tecnicamente devia ser feito. Em 97, a professora Orleide, já tinha passado para o Centro e isso foi muito importante, a professora Orleide já tinha dado uma chacoalhada e estava recolocando a locomotiva nos trilhos e nós sabíamos que 97 seria o aniversário dos 70 anos da incorporação do antigo Instituto Profissional Bento Quirino pelo governo do estado de São Paulo, e isso ocorreu em dezembro de 1927, bem como seria o aniversário de 80 anos de construção do primeiro prédio no qual a escola funcionou, prédio esse que na época era ocupado na época pelo COTUCA, da Unicamp, onde a escola funcionou e que fica na Rua Culto à Ciência. Eu dava aula no período noturno, na época tinha muitos alunos noturno e senhores de idade, eu tinha 26 ou 27 anos e cheguei a dar aula para alunos do curso técnico de 50 e nós organizamos uma festa e, também, lançamos uma capsula do tempo e aí escola começou a dar uma valorizada maior nesse acervo, nesses documentos. Nós contamos com a visita de uma aluna que havia se formado em 1931, e uma aluna nossa era neta do sr. Valdomiro, não vou lembrar o sobrenome dele, mas o sr. Valdomiro que fez o curso de Marcenaria no Bento Quirino, e depois foi trabalhar na escola técnica de Casa Branca, e daí começou a dar visibilidade. Nós fizemos campanha pela imprensa, para divulgar o trabalho que estava sendo feito, foi quando finalmente nós tivemos contato com a Iomar.

ABV: A Iomar era uma estudante da Faculdade de Educação, orientanda da professora Carmen Sylvia Vidigal de Moraes e, ela em visita a escola, nos convidou para ingressar “História espacial e as transformações no espaço físico geográfico das escolas profissionais”, popularmente o projeto era conhecido como Historiografia das mais Antigas Escolas Técnicas do Estado de São Paulo. O nome técnico....

MLMC: É imenso.

MLMC: Eu gostaria de fazer um parêntese agora. Em 1996, a Carmen junto com uma aluna, não sei se é Bruna Bonfim agora, ela chegou a visitar o professor Américo para falar sobre os acervos escolares, mas vocês já tinham começado antes da Carmen então?

ABV: Antes sim, nós já estávamos fazendo um trabalho de mapeamento. Nós temos no centro de memória, um relatório que nós tínhamos para o pessoal do Conselho Regional de Biblioteconomia, que visitou o acervo da Biblioteca, que infelizmente tinha sido sucateado, por que a Biblioteca tinha um espaço muito grande e foi transformado em duas salas de aula. E a Biblioteca ficasse praticamente desativada, e tinha um professor que atendia os alunos, mas era muito pouco usada. E olha que nós estamos falando dos anos 90, onde as bibliotecas eram os principais espaços, eram não, são até hoje, mas nos anos 90 eram instrumentos de pesquisa para os alunos. Em 96, nós fizemos esse contato e recebemos a visita desse pessoal da Unicamp e recebemos a visita do pessoal da Unicamp.

ABV: O pessoal do centro de memória chegou a recomendar um estudo ou a possibilidade de estudo para tombamento do acervo da escola. Mas o projeto ganha força com a festa em 97, mas ainda é um projeto da escola, é uma coisa bem pontual. Quando nós ingressamos ao Centro de Memória da Faculdade de Educação da USP é que a coisa ganhou corpo, ganhou uma institucionalidade. Tanto é que, nos anos 2000, nós conseguimos inaugurar o centro de memória, na época só centro de memória, a professora Orleide, como uma forma de homenageá-la, a professora Orleide mobilizou esforços dela, da comunidade acadêmica, e com apoio da USP e FAPESP, mas também ela conseguiu convencer a APM a fazer a reforma em um espaço para adequá-lo e para receber o acervo da escola. Então nós tínhamos uma sala muito boa, com uma área expográfica, que eu estimo de 60 a 70 m² para exposição. Nós tínhamos uma área muito grande, na qual nos acomodamos o acervo bibliográfico, e nós fizemos separação para as que precisariam de restauro, e chamávamos de obras raras. A bem da verdade, houve um recorte temporal para obras dos anos 30, e o próprio acervo da biblioteca, mais atual, que voltou a circular com o trabalho dos alunos, foi um momento que houve o engajamento dos alunos. Nos anos de 98 a 2000, até resultar na criação do centro de memória, nós nos reuníamos todos os sábados. Recentemente, eu estava olhando os livros com as assinaturas, porque os alunos iam aos sábados, e eles marcavam quando entravam e a hora que saiam, quantos livros eles higienizavam e as fotos, e eu estava até relembando esse momento. Então quando a professora Orleide Alves Ferreira deixa de exercer a função de diretora, na minha melhor lembrança, no ano de 2004, é que o centro de memória, ele vai ser batizado como Centro de Memória Orleide A. Alves Ferreira da Etec Bento Quirino, como uma forma de reconhecimento por todo o esforço que ela capitaneou para cuidar desse acervo.

MLMC: Américo, eu quero até te agradecer muito, por todo esse depoimento que você deu agora, porque dá para compreender e justificar a importância da patrona do centro de memória. Porque essa trajetória toda que você fez, eu mesmo desconhecia sobre essa origem. Eu fui visitar vocês, em 2001, naquele curso de fotografia, que foi oferecido para nós no projeto, que estávamos trabalhando nos centros de memória. Então esse teu depoimento, só por isso já tem uma importância imensa.

ABV: Isso ajudou a dar uma visibilidade para instituição, e mudou até as práticas administrativas dentro da escola, isso que eu acho muito interessante. Porque

antes do projeto, era o arquivo morto da Diretora de Serviços, era o arquivo morto da Diretoria Acadêmica. E com as qualificações que o projeto nos permitiu fazer no Centro de Memória da Faculdade da Educação da USP, no Arquivo do Estado, no ISEB e em outros. A gente agia como agente socializador, e então a gente ia e fazia os cursos e voltava e replicava os cursos nas escolas, principalmente aos alunos, e para alguns funcionários.

ABV: Quando algum funcionário usava o termo arquivo morto, isso gerava consternação, os alunos diziam: - não existe arquivo morto, existe é um arquivo histórico, pois são pontos para a gente contar a história. Então foi extremamente interessante e, também, contribuiu com a própria relação que os alunos tinham com o patrimônio escolar. A escola sofria muito com fixações e depredações. Nesse processo de construção indo aos sábados, indo fora do horário da escola, não era período integral nessa época, e esses alunos ao invés de depredar, eles acabavam se tornando os guardiões, não só dos arquivos, dos documentos, mas também das quadras e dos banheiros. É interessante a gente observar a relação dos alunos com o patrimônio escolar. E, também, nós tivemos ali uma possibilidade de interlocução com os alunos das universidades. Então por exemplo, é um trabalho que eu iria apresentar no EBDOME, nesse ano, estou fazendo um trabalho sobre as pesquisas que se desenvolveram sobre o acervo do centro de memória. Ao mesmo tempo que os alunos se utilizavam desses para se iniciarem na pesquisa historiográfica, os alunos da universidade iam lá, para utilizarem esse trabalho. Em 2001, teve um trabalho da disciplina de História da Educação III, cujo um grupo de alunos eram orientados do professor Sérgio Castanho, que depois, veio a ser meu orientador, na minha dissertação, que na época Instituto Profissional Bento Quirino, e depois, Escola Profissional Mixta Bento Quirino, teve o trabalho da Paula Leme, também disponível no banco de TCCs e dissertações da Universidade Estadual de Campinas, do qual ela faz uma análise do edifício arquitetônico da primeira sede do Bento Quirino e teve uma pesquisadora....

MLMC: Tem a Lunardi?

ABV: Eu estou tentando lembrar os nomes aqui.

MLMC: É que eu acho que a da Lunardi, é porque eu tive acesso a tese ou dissertação dela, porque ela falava sobre o Aprígio Gonzaga, e até hoje referência para nós, eu acho que foi na Bento Quirino que ela fez a pesquisa.

ABV: E uma dissertação e um doutoramento que orientamos lá.

MLMC: Exatamente. Eu mesma fiz pesquisa, em 2007, sobre o Dispensário de Puericultura de vocês no acervo, e vocês tem um acervo muito rico.

ABV: Existe uma documentação bem significativa sobre o Dispensário de Puericultura, existem muitos álbuns, e que dão ensejos a situações muito engraçadas, como por exemplo, o segundo colocado no concurso de robustez, tem a edição infantil de 1937, era o Nivaldo. Esse Nivaldo, veio a ser um dentista muito conceituado aqui em Campinas, e foi meu dentista, e um dia eu levei uma reprodução. Nesse processo todo, o Bento Quirino chegou a ter uma Laboratório Fotográfico em operação lá, que os alunos também adoravam, tudo financiado pela

FAPESP com o apoio da APM. Eu levei uma reprodução dessa fotografia do Nivaldo, que eu diria nos dias de hoje a gente chamaria de obeso. E, ele foi o segundo colocado no concurso infantil e ele mesmo não sabia desse episódio.

MLMC: O que achei interessante quando eu fiz pesquisa lá nos jornais e vocês tinham uns quatro jornais. Porque Campinas, não só nessa época, Campinas sempre teve um destaque no estado de São Paulo e o que achei interessante foi encontrar matérias jornalísticas dos médicos contestando na década de 40. Nessa época, eu trabalhava com segurança alimentar que eram contra essa robustez, e na época, esses médicos tinham posições adequadas e contra o sistema.

ABV: Exatamente, essa era uma outra tônica. A bem da verdade existia todo um acompanhamento. Agora, existia também aquela questão do imaginário popular. Hoje, a gente se assusta com o discurso ante científico de algumas autoridades públicas, mas isso não é tão recente, o discurso científico vai se consolidando com muito embate, porque existem crenças que são muito arraigadas. Essa ideia que você colocou, do ponto de vista, desse álbum fotográfico em especial, do ponto de vista do que se considera hoje saudável, aquelas crianças não seriam. O dispensário teve uma importância muito grande para a nossa cidade, que foi a presença do Dr. Domingos Boldrini, que depois a origem ao Centro Boldrini que tem um trabalho junto a criança e ali tem muita coisa para ser descoberta Maria Lucia.

MLMC: Eu sei, por que eu mesmo tive que parar com esse estudo do Dispensário, eu escrevi dois artigos, que foi até a década de 70, que só acabou, quando acabou o curso de Economia Doméstica. Mas infelizmente a gente não tem tempo suficiente para trabalhar temas tão relevantes com documentos que nós temos nos centros de memória.

ABV: Eu estou chamando de pandemônio, eu estava analisando uma documentação, tem uma série de documentações como instrumento de saúde pública, e que daria ensejo para estudar entre uma escola profissionalizante, a Bento Quirino como instrumento de saúde pública da municipalidade. Tem uma série de documentos que estão relacionados a campanha de vacinações.

MLMC: Febre amarela.

ABV: Exatamente, só que é aquilo, eu vi os documentos, mas não tive tempo ainda de me debruçar sobre eles. A última coisa que eu estava tentando fazer, e que nós iríamos fazer, se não houvesse ocorrido a suspensão das atividades presenciais, foi o salvamento de um dos mais antigos Torno da Oficina Mecânica. Por quê? Porque ele estava destinado a ir para leilão, onde ele é destinado como sucata. Nós temos três alunos muito próximos do centro de memória, e eu acho que coloquei em um trabalho foto deles, e eles estavam interessados em restaurar esse torno. E aí nós conseguimos, como o apoio do atual diretor Prof. Luís Eduardo, que ele fosse retirado do processo para a venda e nós estávamos fazendo a pesquisa sobre o fabricante, e sobre as tecnologias envolvidas no processo de produção desse torno, e que seria restaurado. O TCC então desses alunos, do curso Técnico em Mecânica, seria a restauração desse torno, e pretendíamos também meio que de musealizá-lo, dentro da oficina, e para isso foi muito importante a ajuda do

professor Osmar, que é professor da escola hoje, mas que ele foi aluno, quando ainda funcionava no primeiro prédio.

MLMC: Essa entrevista está nesse programa de História Oral da Educação, com esse professor.

ABV Foi ele que falou da importância de preservação desse Torno não só pela antiguidade. Mas foi uma tecnologia na época bastante inovadora. Hoje nós conseguimos apoio do professor Carbone, professor da área de Mecânica, ele falou que essa máquina ela teria capacidade de fazer determinadas operações que nenhuma outra máquina da escola teria condições. Então, estava sendo um processo de pesquisa e descoberta muito interessante.

MLMC: Essa máquina foi produzida pelos alunos?

ABV: Não, não. Pelo que nós conseguimos levantar, ela foi de uma parceria entre o governo federal e estadual. Lá no centro de memória, eu não estou no centro de memória agora, e nós conseguimos localizar o processo de importação desse torno, é de 1947, o processo de importação, não que ele tenha chegado a escola, em 47. Isso nós não conseguimos chegar. Ele foi produzido por uma metalúrgica, pela Nacional. E os alunos estavam pesquisando tudo isso, porque a ideia era reconstituir a história do objeto até onde fosse possível, mas pelo menos recuperar toda a questão tecnológica, a questão dos EPs e toda essa preocupação. E um dos professores pretendia ainda que os alunos montassem um projeto de adequação desse torno para as novas normas de proteção dos trabalhadores. Mas, com o afastamento, não sei até onde a gente vai conseguir ir com isso. Porque o isolamento, além de dificultar os nossos contatos, trouxe muitas dificuldades. Tanto é que a Gabriela, que é uma das alunas que estava envolvida nesse projeto, está querendo ir até a escola porque precisa fazer fotos da máquina para o diário de campo, eles vão ter que defender o TCC até o final do ano, e nós estamos tentando fazer um processo que permita, porque os alunos não estão podendo acessar a escola, e por essas questões de saúde que estão postas. Tanto é que quando ela me falou, eu falei com ela: você não vai pegar ônibus de jeito maneira e aí ela até riu. E eu disse para ela, a gente pode organizar um dia, ou eu pego o carro e aí eu vou te buscar ou pega um táxi. Porque agora está mais tranquilo a infestação, aqui em Campinas, mas já esteve bem preocupante.

MLMC: Já aumentou essa semana aqui em São Paulo e no Rio de Janeiro. Olha, está difícil.

ABV: Infelizmente isso já era previsto depois que o povo fez depois do feriadão de 7 de setembro.

MLMC: Sem dúvida.

ABV: Então a gente culpa muito as autoridades pública, mas se esquece da parcela de responsabilidade que nos cabe.

MLMC: E daqueles que não acreditam nas ciências, e porque tem muita gente que ainda acha que é mentira (risos).

ABV: Exato e isso é que é o mais triste, com o número elevado de vítimas e as pessoas continuarem a fazer pouco caso disso. Não sei Maria Lucia, teria algum outro assunto.

MLMC: Eu estava te ouvindo sem interrompê-lo. Mas por exemplo, como eu te disse anteriormente, nós vamos fazer o nosso encontro, em março, e para novembro, nós queremos fazer a jornada. Os nossos encontros são temáticos e a jornada, eles são sempre temas bem variados. Talvez a gente vai incluir um eixo, e eu vou estar discutindo com vocês, como a gente sempre faz nos clubes de memórias. Mas eu tenho pensado na gente incluir alguma coisa, desse momento que nós estamos vivendo, que está sendo longo demais, e que ainda não sabemos para onde vamos, ainda temos uma série de inseguranças. Mas quando nós começamos a conversar sobre os Dispensários de Puericultura, eu pensei: - vai dar até para fazer um paralelo, naquela época da década de 30, e com o que estamos vivendo agora, pois eles existiram em várias escolas nossas. Quando o Getúlio Vargas criou a Semana da Criança, algumas instituições acabaram com os Dispensários de Puericultura, como aconteceu em Sorocaba, em Franca, e parece que eles foram até 47, e a Carlos de Campos, parece que foi a única exceção, que foi até 1974, e daí nós temos muito material interessante e que nós poderemos fazer comparações. Outra questão que nós poderemos discutir é essa dos equipamentos.

MLMC: Você está fazendo o Clube de Memórias XXXV que a Júlia Naomi está oferecendo?

ABV: Com essa questão da realidade virtual, eu acabei me atrapalhando muito, e infelizmente eu não consegui fazer, porque eu tenho uma certa dificuldade com a tecnologia, e se a gente se inscreve e depois não dá conta.

MLMC: Tem bastante coisa para fazer (risos). Então, eu estou fazendo, porque eu estou acompanhando a Júlia, nós estamos trabalhando juntas, e então eu estou fazendo.

MLMC: E daí foi interessante que ela indicou um livro, que está no nosso arquivo histórico, de 1937, no acervo do nosso centro de memória central no site de memórias, do Horácio Augusto da Silveira. Esse livro até é meu, porque eu comprei em um sebo, mas achei tão importante que pedi para escanear e coloquei no site. Esse livro é exatamente quando ele está entrando para a Superintendência oficialmente, que foi criada entre 34 e 38, e ele lá cita a importância de começar a ter material didático, porque até essa época os alunos é que produziam inclusive os tornos. Nós temos torno na Getúlio Vargas que foi produzido pelos alunos. Todos aqueles materiais de medição, como os paquímetros, estes foram produzidos pelos alunos. Eu acho que esse pode ser um eixo temático para a gente discutir e fazer esses paralelos. Nós estamos vivendo um momento novo de ensino aprendizagem. Que tipo de material?

ABV: É extremamente interessante a gente pensar, porque no Bento Quirino nós temos também documentos de máquinas, que o Bento Quirino produziu e foram usadas na escola profissional de Botucatu, fotos e não as máquinas em si. Nós

temos, por exemplo, esse depoimento do sr. Valdomiro, que eu não vou lembrar agora do sobrenome, que era avô da Cristiane, que foi nossa aluna, mas isso nos anos 90, e ele falou que se formou aqui e foi ser instrutor na escola de Casa Branca. Recentemente, a professora da escola do Espírito Santo do Pinhal, acho que é uma Escola agrícola?

MLMC: Isso, a Kátia (Kátia Vargas)

ABV: Ela me enviou fotos do mobiliário da escola agrícola, que tem lá as plaquinhas que foram produzidas no Bento Quirino. Seria bem interessante a gente tentar fazer um trabalho para recuperar essa articulação que existia entre as unidades, essa troca que o cara se forma em uma escola e vai trabalhar na outra, acho que seria bem interessante uma pesquisa nesse sentido.

MLMC: Tem uma publicação que está em arquivo histórico do site de memórias, que é do Eng. Mario Saito, já aposentando, e assim que ele aposentou, como ele fez o curso de Máquinas de Automóveis, em 1961, ele fez um levantamento lá no centro de memória da Getúlio Vargas, desde 1911 até o período que ele se formou, e ele colocou os nomes de todos os alunos, dos cursos e professores. Eu estou falando, porque esse material dá para a gente utilizar para verificar quem foi para onde, para cruzar. Tanto que a Camila estava fazendo um trabalho, porque a gente tem projeto de HAE, e nós continuamos trabalhando. Eu falei: Camila você pode relacionar esses livros. Não sei se você viu o álbum que ela publicou no início do ano, que eu mandei para todo mundo e que está no nosso site de memórias, no link do centro de memória da GV. O Aprígio tinha mais de 3000 livros lá, mas acabou que a Nilza higienizou com os alunos e colocou em caixas com papel neutro, mais de 200 livros, e agora a Camila fez um catálogo dessas obras raras. E daí ela vai começar a contar agora toda a história de cada objeto, e eu falei que: - você pode relacionar com os cursos e utilizar esse material do Mario Saito, que está lá no nosso site, tem os escultores. Acaba que a gente tem várias esculturas aqui em São Paulo, inclusive, em Campinas, tem uma escultura ali perto da rodoviária, logo no começo da Campos Salles, que foi de um professor da Getúlio Vargas, o Ferdinando, que era um sueco. Então você começa a cruzar informações, que nós antes não tínhamos, e que o fato de nós estarmos no GEPEMHEP, tem contribuído.

ABV: Inclusive eu estava pesquisando os medalhões por que no testamento do Bento Quirino, ele pede para que cada uma das salas tenha uma homenagem ao: José Paulino Nogueira, Domingos Moraes e Antonio Carlos da Silva Teles, numa ata de 1927, a gente vê ali que esses medalhões, em dez anos foram furtados, e aí eles foram descobrir, eles foram investigar onde teria sido feita, e fossem refeitas, e esses medalhões.... (interrompeu a gravação)

Parte 2: (Vídeo dois - 17 minutos e 20 segundos)

ABV: Eles tinham sido forjados no Liceu Salesiano de São Paulo, e é por isso que eu falo que as escolas profissionais tinham uma articulação entre si. Nesse último trabalho que eu fiz sobre análise da legislação, deu para descobrir também, que a GV, era a menina dos olhos, e as outras escolas profissionais meio que se

espelhavam e competiam, e queriam atingir o mesmo patamar dela, e é muito interessante isso.

MLMC: Você sabe que fiquei de escrever um artigo, e na verdade, eu quero escrever sobre o curso de “Processamento de Carnes”, que eu trabalhei no currículo, e foi por competências, em 2001, quando eu comecei a trabalhar na Cetec. E daí, eu peguei um livro da Júlia (Júlia Falivene Alves) que ela publicou em 2005, sobre a prova teste, e que fala do curso de transportes e como são construídas as provas testes de vestibulinho, e daí ela fala em psicométrica. Esse termo ficou na minha cabeça para comparar com o Laboratório de Psicotécnica, que existia desde 1937, na Getúlio Vargas. Por que nessa década de 30 e 40, esses mobiliários que eles faziam e esses equipamentos isso tudo eles eram vendidos. De repente, a gente consegue encontrar material sobre isso. Como é que isso ia para a escola? Era vendido para o governo do estado? Tanto que foi criado as associações, os grêmios, as associações de pais e mestres também para administrar esses recursos, que os alunos deveriam ganhar por hora-aula, por peças que eles produziam. E eu tenho tudo isso escrito, inclusive na transcrição da entrevista com o Mario Ianeta, têm duas entrevistas, que estão no nosso programa de História Oral em Memórias, ele contando que foi contrato em 43, exatamente para poder pagar os alunos sobre esse trabalho, então você vê aí que tem muita coisa para a gente explorar e para conhecer e poder cruzar essas informações. Mesmo lá na Carlos de Campos, tem um armário que foi produzido lá na Escola de Amparo, e o Pompêo do Amaral pediu para construir para a sala dele, tem lugar para ele por o paletó, tem a biblioteca, tem as gavetas para os fichários. Os professores usavam muitos fichários naquela época. Então é muito interessante a gente estudar esses espaços e esses objetos.

MLMC: Américo, em cima da sua fala, que foi extremamente interessante, porque você fez uma retrospectiva. Quando você estava junto lá, em 2008, quando nós nos juntamos, e a partir de 2008, nós criamos o grupo, e estamos com ele até hoje, o GEPEMHEP e demos uma direcionada, para focar em escrever mais, e acaba que se a gente pesquisa mais no acervo, a gente acaba tendo menos tempo para trabalhar com a organização do acervo. Na época do projeto de Historiografia foi até a década de 50, mas mesmo na Carlos de Campos, ele não foi explorado totalmente, e foi organizado uma parte da década de 50, e depois fomos descobrindo mais documentos, e que não foi inserido no acervo, quer dizer, está lá, mais ainda não foi catalogado, os guias ainda precisam ser feitos. Tanto que para o ano que vem, além de na jornada tocarmos no assunto da pandemia, e comparar com o passado, também dar destaque para o nosso museu virtual. Eu e a Júlia (Júlia Naomi) e mais dois ou três professores, a gente já inseriu agora, esse ano, mais de cem fichas de objetos. Porque a tese de doutorado da Julia na Faculdade de Educação inclui o museu virtual, e ela tem mais de dez mil objetos, lá no centro de memória de Jacareí, considerando o textual e tudo. Então nós estamos pensando em dar ênfase para isso também. Então eu gostaria de saber o que você acha de nós temos direcionado, se foi válido ou se teremos que rever, por isso que eu comentei para onde nós estamos querendo ir.

ABV: Eu acho que foi muito válido Maria Lucia. Diga-se de passagem, que essa é uma discussão que a gente já fazia durante o Historiografia, lá atrás. Isso que eu estou falando é 2001 – 2002. Nós que estávamos com a mão na massa,

higienizando e catalogando, e até alguns alunos chegaram a criar sistemas locais para disponibilização dessas informações, nós já fazíamos esses questionamentos. Por quê? Porque a impressão que tinha é que nós estávamos trabalhando mais como historiógrafos, aqueles que organizam a documentação para que o historiador venha e construa a História, e a gente chamava atenção para esse detalhe, para nossa necessidade. Precisávamos organizar sim, pois é a base para se produzir conhecimento, mas que nós não devíamos nos ater para esse trabalho. Isso que eu acho que é o grande feito do GEPEMHEP, organizar essa documentação também para as nossas pesquisas, mas eu diria que: - mais do que para as nossas, eu fico muito contente nos primeiros anos, que nós desenvolvemos nos primeiros semestres toda uma teoria e metodologia da História. E para alguns alunos a História está pronta e você tem que aprender e reproduzir. E daí você vê alguns trabalhos de alunos que são coisas fantásticas. Para alguns alunos eu estimei a fazerem banners, mas eles são envergonhados, ele estava discutindo a mudança no perfil do curso de Educação Física a partir do acervo fotográfico da escola. Ele via uma educação física mais militarizada com os alunos naquelas posições e faz uma comparação com fotos de Educação Física de hoje, saem alguns trabalhos assim que são muito interessantes. A Sofia mesmo fez para um dos nossos encontros, um trabalho no qual ela compara como era realizada a demonstração dos trabalhos da seção feminina nos anos 20, 30 e 70. Então eu acho que é muito importante que a gente faça isso, que a gente organiza essa documentação, sempre lembrando que a cada dia corremos um risco ou a felicidade de encontrar documentos novos. Recentemente, eu encontrei, por exemplo, um livro de ata de visitação das autoridades a escola. Então, inicia em 1927, com a visita do Aprígio Gonzaga e vem até os anos sessenta, e aí tem os inspetores, tem as autoridades municipais, tem alguns empresários. Como nós vivemos um bom tempo sem uma preocupação, e sem uma política sistemática de organização desses documentos, então tem essa possibilidade. E em cada salinha que você entra, que está algum tempo sem uso, você entra e descobre uma preciosidade como essa que eu acabei de falar.

MLMC: Quando eu falei do museu virtual, primeiro para a gente abrir para o pesquisador, a gente precisa ter um plano museológico, e daí nós vamos discutir sobre isso. Uma outra coisa: mas para ter o plano museológico, eu vou começar a pôr em discussão na Cetec a necessidade de um Regimento e de uma Portaria para criar o centro de memória. Nós temos que pensar que nós não somos eternos e que nós temos que deixar caminhos para os que virão. Os nossos livros pelo menos a intenção é salvaguardar o que temos hoje, então ele é um documento que mostra que as fontes, que temos hoje, e que estão nos centros de memória, e que nós trabalhamos com elas, e utilizamos nos nossos projetos. E para trabalhar de forma mais uniforme e a nível institucional, vou começar a discutir isso na instituição. Eu tenho feito isso de forma lenta, mas eu entendo as dificuldades. Às vezes eu recebo crítica, que não tem uma conta, mas isso não depende só do superintendente. Abrir uma conta, depende do governo do estado, então não é tão simples. Nós temos que ir caminhando como tempos feito com a produção dos nossos livros.

ABV: Perfeito Maria Lucia, mas nós temos que entender também que essa atividade de pesquisa, que ela é um sonho, e que a gente tem chance de realizar,

não podemos de deixar de reconhecer dos trabalhos que vem sendo desenvolvidos, desde os primórdios com a Carmen ...

MLMC: Desde a Orleide ...

ABV: Já resultou em coisas muito positivas. Hoje com o regimento das escolas, está lá da conservação desses documentos, desse patrimônio.

MLMC: O SP doc é fundamental para nós.

ABV: Exatamente. A gente tem um ritmo que é um pouco diferente ao ritmo do poder público. A gente quer resultados mais rápidos, mas a máquina pública demora para apresentar resultados. Mas eu avalio que todo o trabalho que tem sendo feito já tem demonstrado resultados bastante positivos, como reconhecimento pelo valor dessa documentação.

MLMC: Está nos Planos de Metas da Cetec, já há vários anos, inclusive como Pesquisa e Desenvolvimento.

ABV: Exatamente. O próprio grupo acabou ocupando um espaço institucional que antes não existia.

MLMC: Primeiro, eu agradeço muitíssimo ter entrado no projeto pela Julia Falivene. Porque a Júlia, teve uma importância enorme nesse projeto. Infelizmente, nos deixou neste ano. E, também, o apoio que o Almério (Almério Melquíades de Araújo) tem dado pela continuidade do projeto. Eu tenho pelo menos vinte projetos de HAE ligados aos projetos da Cetec anualmente. Como a gente prioriza a pesquisa, falta tempo para organizar com as orientações da Arquivologia, da Museologia, e para isso existem essas profissões, mas eu acho que a gente na medida do possível, e lentamente, o tempo é fixo e a gente não consegue ampliar o tempo.

MLMC: Américo, eu agradeço muito ter falado com você, e agora observei aqui, que estamos conversando a mais de uma hora, e certamente teríamos muito o que conversar para redirecionar o nosso trabalho. Mas como nós estabelecemos de 30 e 50 minutos para conversar com cada professor, para manter uma média de diálogo, essa entrevista vai ser transcrita, por que trabalhar com história oral é um trabalho de forma colaborativa vou mandar para você, daqui uma, duas ou três horas poderemos ter acesso a gravação dessa entrevista. E, também, vou te mandar os termos de autorização para podermos divulgar no site de memórias. Foi muito interessante conversar com você, aprendi coisas novas, conhecer essa trajetória da patrona foi muito interessante. Toda vez que a gente narra, narra com uma série de detalhes. Hoje você me trouxe fatos novos que eu desconhecia.

ABV: Eu é que agradeço essa oportunidade de estar contribuindo para o grupo se desenvolver.

MLMC: Então eu vou interromper a gravação, um momentinho. O que você achou?

ABV: Ficou bom Maria Lucia.

Descritores

História oral na educação

Memórias do trabalho docente

Etec Bento Quirino

Instituto Profissional Bento Quirino

Escola Profissional Mixta Bento Quirino

Etec Prof. Armando Bayeux da Silva,

Curadores

Centros de Memória

Historiografia

Laboratório de Fotografia

FAPESP

APM

Américo Baptista Villela

Orleide Alves Ferreira

Carmen Sylvia Vidigal de Moraes

Iomar Barbosa Zaia

Maria Lucia Mendes de Carvalho

Julia Falivene Alves

Júlia Naomi Kanazawa

Aprígio Gonzaga

Mario Saito

Liceu Salesiano

Centro de Memória da Unicamp

Biblioteca

Conselho Regional de Biblioteconomia

Etec Getúlio Vargas

Laboratório de Psicotécnica

Psicometria

Torno

Técnico em Mecânica

Ensino Médio

História

TCC

Unicamp

Centro de Memória da Unicamp

Marcenaria

Museu da Cidade de Campinas

Dados Biográficos do Entrevistado



Professor Américo B Villela em Sala de Aula da Etec Bento Quirino, em 1994.
Fotografia: Aluna Lis Peres, em 1994

Américo Baptista Villela é professor da Etec Bento Quirino e Historiador lotado no Museu da Cidade em Campinas. Nascido em 11 de março de 1970, é natural de Jaboticabal, São Paulo, onde cursou o Ensino Médio pela manhã e o Técnico em Contabilidade no período noturno na Escola Estadual de Primeiro e Segundo Graus “Aurélio Arrobas Martins”. Concluído o Ensino Médio, ingressou no curso de História da Universidade Estadual de Campinas onde obteve os títulos de Bacharel e Licenciado em História no ano de 1991. Em 1996, retornou à Pós-graduação em História na mesma universidade, iniciando o Mestrado com o projeto “Os (des) caminhos da cultura: política cultural e memória em Campinas”, sob orientação do Prof. Dr. Pedro Paulo de Abreu Funari. Em 1997, foi forçado a interromper os estudos, obtendo o título de especialização em História Social. Em 2008, retorna à Pós-graduação, agora na Faculdade de Educação da Unicamp ingressando no

Mestrado e obtendo o título de mestre em 2011 com a defesa da dissertação 18 “O instituto profissional masculino Bento Quirino: uma visão social ideológica, maçônica, industrial e republicana”, sob orientação do Prof. Dr. Sérgio Eduardo Montes Castanho. No mesmo ano, cursa a especialização em “História da África e das culturas afro-brasileiras” tendo como temática “Da legalidade a realidade: A questão africana em sala de aula”, sob orientação do Prof. Dr. Acácio Almeida apresentando o ensaio A lei, ora a lei...: uma análise da aplicação da lei 10.639 na Etec Bento Quirino em Campinas, que foi publicado posteriormente na obra “Cenas & cenários geográficos e históricos no processo de ensino e aprendizagem”. 1ed.Campinas: Pontes, 2013, v., p. 107-130. Organizada por Monari Evelyn Belo, Eraldo Leme Batista e Gustavo Henrique Cepolini Ferreira. Endereço plataforma lattes <http://lattes.cnpq.br/2252310371562744>

Dados Biográficos da Entrevistadora



Fotografia: self celular, em 2/7/2021

Maria Lucia Mendes de Carvalho tem pós-doutorado em Museologia e Patrimônio no Museu de Astronomia e Ciências Afins (2017). Doutora em Planejamento e Desenvolvimento Rural Sustentável na Faculdade de Engenharia Agrícola da Universidade Estadual de Campinas (2013). Mestre em Engenharia Química pela Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (1989). Bacharel em Química pelo Instituto de Química da Universidade de São Paulo (1980), Engenheira Agrícola pela Faculdade de Engenharia Agrícola da Universidade Estadual de Campinas (1980), e Licenciatura Plena pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (1981). Atuou em Centros de Pesquisas das Indústrias

Químicas: Rhodia, Aquatec e Oxiteno, como pesquisadora e, posteriormente, gerente de pesquisa e desenvolvimento (1981 a 1995). Professora do Programa de Mestrado Profissional em Gestão e Desenvolvimento da Educação Profissional (2020). É Coordenadora de Projetos na Unidade de Ensino Médio e Técnico no Centro Paula Souza (desde 2001), coordenando o Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional e Tecnológica (GEPEMHEP). Tem experiência nas áreas de Ciência e Tecnologia dos Alimentos, de História da Alimentação e Nutrição, e História da Profissão Docente. Organizou os livros Cultura, Saberes e Práticas (2011), Patrimônio, Currículos e Processos Formativos (2013), Patrimônio Artístico, Histórico e Tecnológico na Educação Profissional (2015), Coleções, Acervos e Centros de Memória (2017) e Espaços, Objetos e Práticas (2018), Narrativas de Currículos, da Arquitetura Escolar aos seus Artefatos (2020), e os e-books História Oral na Educação: memórias e identidades (2014) e Patrimônio Cultural da Química e da Dietética no Centro de Memória da Escola Técnica Estadual Carlos de Campos (SP): catálogo da pesquisa sobre a arquitetura escolar, artefatos e suas possibilidades de musealização (2017). Endereço na plataforma lattes

<http://lattes.cnpq.br/2330225376519419>

Anexos (esses documentos são sigilosos e não ficarão abertos online ao público):

Termo de Cessão dos Direitos Autorais de Américo Baptista Villela

Termo de Autorização para uso de Imagem de Américo Baptista Villela